

## Fotografia familiar como documento para o conhecimento histórico

Amanda Massaro Moco<sup>1</sup>

**Resumo:** Não é nova a discussão da fotografia como documento histórico, embora ainda o uso da imagem fotográfica como fonte única para a pesquisa seja vista com desconfiança por parte dos historiadores. Propõe-se neste artigo a discussão da fotografia familiar como importante evidência do passado. Nos retratos de família é possível encontrar certo padrão como os rituais de passagens comuns a muitos grupos. Quando não consideradas como verdades absolutas, e sim analisadas em seu contexto histórico, representam visões de um mundo passado e construções de uma memória carregada de valores. Através do embasamento teórico-metodológico consistente, a análise das fotografias familiares proporciona a identificação e a compreensão das culturas material e imaterial contidas nas fontes.

**Palavras-chave:** fotografia, História, família.

**Abstract:** There isn't new the discussion of photography as a historical document, although the use of the photographic image as a single document for the research is viewed with doubt by some historians. It is proposed in this article to discuss photography family as important evidence of the past. In family portraits is possible to find certain pattern as the rituals of passages common to many groups. While not regarded as absolute, but rather analyzed in its historical context, represent visions of a past world and constructs of a memory based in values. Through theoretical and methodological consistent analysis of family photographs, provides the identification and understanding of the material and immaterial cultures contained in the documents.

**Keywords:** photography, History, family.

---

<sup>1</sup> Graduanda em História (Universidade Estadual de Londrina) e bolsista PIBIC/Fundação Araucária. E-mail: [amandamassaro@hotmail.com](mailto:amandamassaro@hotmail.com). Orientador: Alberto Gawryszewski.

## 1. Introdução

“14ª FESTA DA FAMÍLIA MASSARO: Siete tutti benvenuti” - como de costume, esta foi a saudação contida na faixa de boas-vindas à festa que ocorre anualmente em minha família. Entre correrias e contratempos, é sagrada a presença da maior parte possível dos membros familiares ao encontro. Bisavôs e bisavós, avôs e avós, tios-avôs e tias-avós, primos e primas de primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto grau... Pais e mães, filhos e filhas, irmãos e irmãs, enfim, todos reunidos em nome do reencontro, da afetividade e dos laços sanguíneos. Durante grande parte da minha vida vivi e ainda vivo esta “tradição” familiar.

Em tais reuniões, a tarde voa em brincadeiras, jogos, conversas, risos e até mesmo lágrimas, principalmente no instante em que relembramos os familiares já falecidos. Através de fotografias e vídeos exibidos em um telão, são resgatadas saudosas memórias e realizadas homenagens aos nossos ascendentes. Nesses momentos muitos choram de alegria, saudades, orgulho, honra - emocionam-se sem receio.

Quando comecei a cursar História, passei a olhar para estas ocasiões de modo diferente. Durante o terceiro ano da graduação me interessei por fotografias, busquei então aplicar a investigação de historiadora à minha própria vida. Estas festas me despertaram muitas reflexões, em especial no que concerne à maneira como os retratos comovem os indivíduos em comemorações como esta que ocorre em minha família, e também, logicamente, em outras diversas situações. Dentre estas observações a respeito das fotografias, li autores que abordam a imagem como fonte histórica, embasados em aparatos teóricos e metodológicos. A partir de então resolvi conhecer um pouco mais sobre os retratos de família, sobretudo em como se constituem documento para o conhecimento histórico e como as imagens de meu grupo familiar se encaixariam nesta discussão.

À vista disto, emergiram questões: como as fotografias podem colaborar para o conhecimento da História? Elas correspondem à própria realidade passada ou foram passíveis de manipulação? Qual a importância do contexto em que provavelmente foram produzidas e de que maneira podemos questioná-las? É possível identificar as culturas material e imaterial contidas nos retratos familiares?

## 2. Fotografia e História

Com a Revolução Industrial verifica-se grande desenvolvimento das ciências. A fotografia foi uma das invenções que ocorreu naquele ambiente e seu consumo crescente propiciou o aperfeiçoamento gradativo da técnica fotográfica, que teve enorme aceitação notadamente a partir da década de 1860 e ensejou o surgimento de verdadeiros impérios industriais e comerciais. A descoberta da fotografia e, posteriormente, o desenvolvimento da indústria gráfica possibilitou a propagação da imagem fotográfica em escalas cada vez maiores por meio da via impressa. Iniciou-se um novo processo de conhecimento do mundo, agora em detalhes visuais e, portanto, contextuais. Por conseguinte, era possível a acessibilidade do homem de diferentes estratos sociais à informação visual dos hábitos e povos distantes. Por outra parte, a descoberta da fotografia também proporcionou a possibilidade de autoconhecimento e recordação, de criação artística, de documentação e registro do aparente (KOSSOY, 2001).

Logo a expansão da fotografia ocasionada pelos avanços das técnicas e máquinas fotográficas, pelo *carte-de-visite photographique* e, conseqüentemente, a queda de seu custo e sua popularização, permitiu determinada liberdade de criação por parte do fotógrafo, especialmente o amador.

A respeito da fotografia no Brasil, Mauad reflete sobre a aceitação do público perante a chegada do daguerreotipo ao Rio de Janeiro, em 1840:

A necessidade da experiência visual [...] é uma constante no século XIX. Numa sociedade em que a grande maioria da população era analfabeta, tal experiência possibilita um novo tipo de conhecimento, mais imediato, mais generalizado, ao mesmo tempo em que habilita os grupos sociais a formas de auto-representação até então reservadas à pequena parte da elite que encomendava a pintura do seu retrato (MAUAD, 2002, p. 189).

Desde a sua criação, a imagem fotográfica é progressivamente consumida pelo público. Atualmente vivemos em um mundo no qual as imagens reinam na mídia. O acesso à fotografia, aos jornais, à televisão e à internet, entre outros meios, tornou a comunicação entre os homens cada vez mais imagética. Entretanto, grande parte dos historiadores ainda impõe empecilhos ao uso da imagem como fonte única para a pesquisa histórica. Mesmo após a revolução documental ocorrida especialmente a partir dos *Annales*, quando a História ganha novas formas de abordagem e

amplia seus objetos. Nestas primeiras décadas do século XX, os historiadores recorreram a outros tipos de fontes, além do tradicional documento escrito e oficial.

Segundo Kossoy (2001), o fato de tal parcela de historiadores demonstrar resistência ao documento fotográfico em seus estudos se deve ao aprisionamento à tradição escrita como forma de transmissão de conhecimento, além do receio que o pesquisador apresenta diante dos desafios revelados pela investigação iconográfica. A análise imagética requer uma metodologia própria para a sua interpretação. Ausência de levantamentos anteriores criteriosamente conduzidos, pesquisa escassa, falta de bibliografia específica sobre o tema a ser analisado, descaso com arquivos públicos por vezes mal catalogados, inexistência de dados a respeito da fotografia: estas são apenas algumas dificuldades encontradas ao se realizar a pesquisa imagética.

Um grande problema discutido a respeito do tema é sobre a veracidade contida no registro fotográfico. O que se apresenta nas fotografias é a própria realidade como ocorreu? A evidência imagética é fidedigna e passível de autenticidade como documento histórico?

Boris Kossoy, em seu clássico estudo *Fotografia & História*, afirma:

[...] Apesar de ser a fotografia a própria “memória cristalizada”, sua objetividade reside apenas nas aparências. Ocorre que essas imagens pouco ou nada informam ou emocionam àqueles que nada sabem do contexto histórico particular em que tais documentos se originam (KOSSOY, 2001, p. 152).

Para fazer uso da evidência de imagens de maneira segura e eficaz, segundo Peter Burke, é preciso estar ciente de suas fragilidades, como também no caso de outros tipos de documentos. É relevante conhecer a história da imagem e da fotografia. Há muito tempo a crítica da fonte escrita tornou-se trabalho básico para o historiador, entretanto a avaliação da evidência visual continua pouco desenvolvida, embora o testemunho de imagens, assim como o de textos, levante problemas de contexto, função, retórica, recordação, etc. Daí a explicação de algumas imagens oferecerem mais confiabilidade do que outras. As imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular.

Num determinado nível, então, imagens são fontes não confiáveis, distorcendo espelhos. Contudo, elas compensam essa desvantagem ao oferecer substancial evidência num outro nível, de tal forma que historiadores possam transformar um defeito numa qualidade [...]. O processo de distorção é, ele próprio, evidência de fenômenos que muitos historiadores desejam estudar [...]. A imagem material ou literal é uma boa evidência da “imagem” mental ou metafórica do eu ou dos outros. (BURKE, 2001, p. 37).

Ao observamos uma fotografia e interpretá-la, é indissociável de nós mesmos o emprego do ponto de vista e do filtro cultural que cada ser humano possui. Por isso é preciso estudar os diferentes propósitos e contextos dos realizadores da fotografia (como a possibilidade de propaganda, de visões estereotipadas, de convenções visuais em determinadas situações, etc.). As imagens podem testemunhar o que não é exposto em palavras, são experiências não verbais, e mesmo as distorções em antigas representações são rastros de pontos de vista passados.

Portanto,

Toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente. Se, por um lado, este artefato nos oferece indícios quanto aos elementos constitutivos (assunto, fotógrafo, tecnologia) que lhe deram origem, por outro o registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca daquele preciso fragmento tempo/espaço (KOSSOY, 2001, p. 45-7).

De acordo com Kossoy (2001, p. 37), “Três elementos são essenciais para a realização da fotografia: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia”. O estudo da participação do fotógrafo na produção do retrato é indispensável, pois quanto mais hábil ele for tanto maior é a sua condição de intervenção entre o objeto, o fotografado, a cena, o conteúdo da imagem e, conseqüentemente, seu observador.

Contudo, mesmo que o fotógrafo deixe uma série de traços que o caracterize, ele deve satisfazer o gosto de seu público, do fotografado. Então é preciso que o pesquisador investigue igualmente a trajetória percorrida pela fotografia: quem a encomendou, suas razões para o pedido, qual a técnica fotográfica empregada, por qual motivo ela foi preservada e onde foi encontrada pelo historiador.

Apesar das objeções citadas primeiramente, o uso das fotografias nas investigações históricas tem se mostrado bastante fecundo, o que contribui para a ratificação da imagem enquanto documento de análise e compreensão do passado. Os vestígios fotográficos são uma possibilidade de estudo que anuncia frutos na medida em que forem sistematizadas suas informações, estipulados processos apropriados de pesquisa e análise para a decodificação de seus conteúdos e, assim sendo, da realidade que os gerou.

### **3. Fotografia familiar**

Após as leituras a respeito dos autores que abordam a imagem como evidência do passado, busquei refletir sobre as fotografias de família da maneira proposta pelos mesmos.

[...] as fotografias nos impressionam, nos comovem, nos incomodam, enfim imprimem em nosso espírito sentimentos diferentes. [...] faz parte da nossa prática de vida fotografar nossos filhos, nossos momentos importantes e os não tão significativos. Um elenco de temas que vai desde os rituais de passagem até os fragmentos do dia-a-dia no crescimento das crianças. Apreciamos fotografias, as colecionamos, organizamos álbuns fotográficos, onde narrativas engendram memórias (MAUAD, 1996, p. 5).

O que define família enquanto instituição? Consanguinidade? Afetividade? A partilha de valores, crenças e interesses comuns? A família apresenta-se como o primeiro local ao qual pertencemos, independente da classificação social e até mesmo dos laços sanguíneos. Ela designa aliança, afetividade, segurança e proteção, se adapta as alterações ou mostra-se resistente a elas face às dificuldades da vida pública e privada.

A imagem como fonte histórica, em especial a fotografia produzida no meio familiar, pode nos trazer informações importantes sobre pensamentos, mentalidades e diversos tipos de comportamento, principalmente no que se refere à sociabilidade. Nos retratos conseguimos verificar a presença da cultura imaterial: formas de fazer, de organizar, de selecionar, etc. Encontramos certos padrões que fazem alusão aos valores e aos ritos de passagem comuns a muitas famílias, como as festas, o batismo, a primeira comunhão e o casamento, apenas para citar alguns deles. Podemos investigar as relações sociais e familiares que se estabelecem, quais os objetivos em diversos níveis, a dimensão simbólica e o sistema de convenções do período em que foram produzidos os registros fotográficos.

Contudo, o que se percebe no ambiente familiar é que determinados papéis se repetem em diferentes espaços e temporalidades, o que se altera são as funções e os significados destes em épocas diversas.

As imagens fotográficas instigam o que existe além do significado aparente. Elas transmitem discursos, são uma construção dos grupos familiares, pois são carregadas de valores e atributos de determinado período no qual se sobressaem as funções e papéis sociais, todos envolvendo a instituição da família.

Todo retrato é simultaneamente um ato social e um ato de sociabilidade: nos diversos momentos de sua história obedece a determinadas normas de representação que regem as modalidades de figuração do modelo, a ostentação que ele faz de si mesmo e as múltiplas percepções simbólicas suscitadas no intercâmbio social (FABRIS, 2004, p. 38).

Os momentos familiares são comumente registrados como sinônimos de harmonia. As inquietações e conflitos entre os membros da família excluem-se da retratação. Assim, as

convenções mantêm os desentendimentos e os segredos familiares longe do escrutínio público.

[...] os retratos registram não tanto a realidade social, mas ilusões sociais, não a vida comum, mas *performances* especiais. Porém, exatamente por essa razão, eles fornecem evidência inestimável a qualquer um que se interesse pela história de esperanças, valores e mentalidades sempre em mutação (BURKE, 2001, p. 34-35).

A seleção dos retratos a serem expostos de variadas maneiras, lugares e suportes, como álbuns de família, em quadros ou carregados junto ao corpo, nos remete aos mais diversos significados atribuídos às fotografias. As imagens selecionadas ou excluídas da revelação, a eliminação de figuras e pessoas, as perdas, trocas e descartes dos registros fotográficos, assim como a escolha da pose, das roupas, da disposição das pessoas, do local, da ocasião, os filtros culturais do fotógrafo e dos fotografados, enfim, as diferentes maneiras de organização e manipulação do retrato imagético apontam a sua subjetividade e seus muitos interesses por traz de uma simples imagem. A representação é quase sempre menos realista que a verdadeira existência.

Francieli Santos, em sua dissertação de mestrado, resume bem a dimensão da fotografia familiar:

Sobre esses processos de leitura e análise das imagens entende-se que a fotografia apresenta fragmentos do ocorrido e é permeada de discursos derivados da circunstância em que foi confeccionada e, além disso, sofre intervenções do pesquisador no instante de sua análise. É fragmento selecionado de um momento que se recortou por meio da construção do fotógrafo e da técnica aplicada. Dessa forma, pensa-se que enquanto possibilidade de reconstrução histórica constitui-se a fotografia de um instrumento de representação do real, ou seja, jamais deve ser percebida como expressão unívoca do real (SANTOS, 2009, p. 19).

É importante ressaltar a influência do pesquisador em sua investigação. Assim como o fotógrafo e os fotografados o historiador é um filtro cultural, sujeito histórico e construtor de memórias, portador de escolhas, crenças, preferências etc.

Dessa forma, os registros fotográficos de família muito têm a dizer sobre o contexto social, político, religioso e econômico, entre outros, da época em que foram elaborados. Através do embasamento teórico e metodológico consistentes, a análise das fotografias proporciona a identificação das culturas material e imaterial contidas nos documentos selecionados, assim como o exame do teor representado na fotografia é importante para a compreensão do sentido maior contido no documento.

Posteriormente, ao observarmos as antigas e também as recentes fotografias, nos reportamos à ocasião registrada e nos enchemos de lembranças e emoções. Ali fixada a

inevitabilidade do tempo transcorrido, é comum a confusão e a distorção dos acontecimentos. Narrar, reinventar, descrever, historiar... Conjecturas decorrentes do poder de ação da fotografia como

Um desencadeador de lembranças múltiplas [...], de um lado, uma forma de resgatar um passado esquecido e, de outro, no caso do pesquisador, um estímulo formulador de hipóteses para testar a comunicação das fotografias e o seu esquecimento temporário ou total. Pelo menos as deformações progressivas da memória, que ampliam ou alteram o material original (LEITE, 1993, p. 13).

#### 4. Conclusão

A princípio, a proposta deste artigo era compreender a fotografia como fonte histórica e averiguar suas potencialidades para a elaboração do conhecimento sobre a História. Todavia, o que se notou, é que as possibilidades da imagem fotográfica decorrem diretamente da interpretação de seu leitor, de como este a vê e apodera-se dela.

Consciente de que a imparcialidade na historiografia é inatingível, a chance de olhar para íntimos como sujeitos históricos e construtores de memórias foi agradável e frutífera, assim, refletir sobre os retratos exibidos nas festas de minha família foi apenas um ponto de partida. A fotografia é capaz de reavivar a lembrança e trazer à superfície o registro mental coletivo. É praticamente impossível trabalhar com fotografias familiares sem se envolver com as mesmas, sem estabelecer proximidade com seus conteúdos, pois é percorrer o universo subjetivo da memória, da identificação e da emoção. Portanto, trabalhar com retratos da própria família é ainda mais complexo, tanto pela tentativa de não envolver-se em excesso quanto pela nossa certeza de impotência perante tais imagens e o decorrer do tempo. As imagens fotográficas nos portam a lugares e momentos passados, e nos tornam passíveis de muitas reflexões e indagações.

Percebi que a progressiva comunicação imagética que vivemos no mundo atual também derivou da prática fotográfica que existiu, e continua existindo, em função do que lhe atribuí o grupo familiar: solenizar e eternizar os momentos importantes da vida da família, em resumo, reforçar a integração do grupo reafirmando o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade.



Acredito que a relação entre memória e fotografia seja uma vertente complexa e construtiva. O uso das fotografias de diversos temas para a pesquisa, e não somente a histórica, mas a interdisciplinar, se torna cada vez mais necessário, visto que há uma infinidade de ricos documentos a serem explorados em arquivos públicos e privados. E todas as tentativas de recuperar estas fontes são válidas, na medida em que haja esforço em construir uma metodologia adequada para nos apropriarmos desses férteis fragmentos do tempo e espaço.

Deste modo, tomar a fotografia como inteligível - e reconhecer que os simulacros e artificialidades que compõe os retratos são parte de seus elementos constituintes - é um primeiro passo para que sua utilização na qualidade de documento continue para nós uma oportunidade de compreensão acerca do passado.

## **Bibliografia**

BURKE, Peter. *Testemunha ocular*. Bauru: SP: EDUSC, 2004.

FABRIS, Annateresa. *Identidades Virtuais: uma leitura do retrato fotográfico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 38.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê, 2009.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*. São Paulo: Edusp, 1993.

MAUAD, Ana M. *Através da imagem: fotografia e História interfaces*. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.

SANTOS, Francieli Lunelli. *Arranjos fotográficos, arranjos familiares: representações sociais em retratos de família do Foto Bianchi (Ponta Grossa 1910 – 1940)*. Ponta Grossa: UEPG, 2009.